

# “AS MARCAS DA TORTURA SOU EU”: **DILMA ROUSSEFF** E SUA PARTICIPAÇÃO NA RESISTÊNCIA À DITADURA

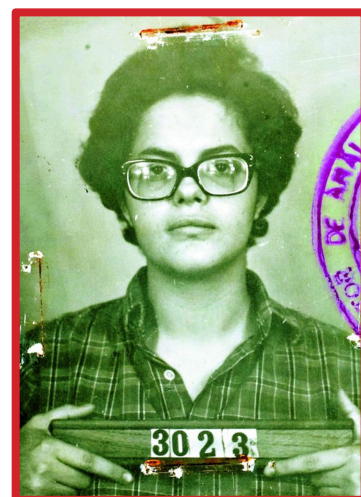
 ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA

 <https://doi.org/10.47180/omij.v4i3.247>

**N**os últimos 14 anos tenho me dedicado à pesquisa sobre a construção da imagem pública da ex Presidenta Dilma Vanna Rousseff, sob diferentes aspectos: dentre eles, como as revistas semanais hegemônicas construíram imagens e discursos para apresentá-la. Observei que nos anos de sua aparição pública, passando por duas eleições, nas quais saiu vitoriosa, governando por quatro anos e tendo o seu segundo governo interrompido definitivamente no dia 30 de agosto de 2016, por um processo de *impeachment* que, segundo minha visão, foi um julgamento midiático, jurídico, parlamentar e misógino<sup>1</sup>, restou pesquisar outro importante aspecto sobre ela: a da mulher estigmatizada como “subversiva”, que aos 22 anos, no dia 16 de janeiro de 1970, é presa e passa dois anos e seis meses detida, primeiro,

por vinte e dois dias no DOI-Cod de São Paulo, onde vivencia a truculência do Regime e onde será, como alhures afirmou, “barbaramente torturada”. Depois nos DOI-Cod de Minas Gerais, Rio de Janeiro e, por último, é transferida para a denominada “Torre das Donzelas”, no presídio Tiradentes, na cidade de São Paulo.

Parece-me que é exatamente com a visibilidade pública de Dilma Rousseff como candidata ao maior cargo público do Brasil, e por seu passado de militante política de esquerda, fato este que foi bastante utilizado por seus opositores, apresentando-a, no mínimo, como uma “mulher perigosa”, que o tema da ditadura e o protagonismo feminino ganham destaque, não só midiático,



<sup>1</sup> Como resultado de anos de pesquisa, publicamos no ano de 2022, pela editora Mentres Abertas o livro intitulado: A Imagem Midiática de Dilma Rousseff sob o olhar da Antropologia da Política.



mas também e, sobretudo, acadêmico.

Nesses termos, a história pessoal de Dilma Rousseff suscitou uma curiosidade acadêmica: como terá sido à sua participação na luta contra a ditadura militar? Me refiro a uma conjuntura na qual, antes do golpe civil militar de 1964, a mulher não era vista como sujeito político, ao contrário, parecia haver na sociedade da época uma espécie de “acordo tácito” para invisibilizar o feminino, enquanto estratégia de poder do masculino.

Assim, o intento com este artigo é de fazer um pequeno levantamento bibliográfico sobre a participação da ex Presidenta Dilma Rousseff na luta e resistência contra a Ditadura Civil Militar no Brasil, implantada em 31 de março de 1964, como também de seus depoimentos sobre as sessões de tortura e de como elas se realizavam, por meio do registro de suas próprias memórias, narradas em diferentes momentos e entrevistas.

### **“A VIDA QUER É CORAGEM” – O PROTAGONISMO DE DILMA VANA ROUSSEFF E O REGIME MILITAR**

Dilma Rousseff ganha notoriedade na mídia hegemônica e na disputa entre opositores políticos como alguém que militou na resistência à ditadura militar exatamente quando é escolhida, pelo então presidente Luis Inácio

Lula da Silva, para ser o seu sucessor, nas eleições de 2010. Durante a sua primeira campanha presidencial ela e José Serra despontam como os “favoritos” a ganharem a eleição e a época, no sentido de desconstruir a imagem pública de Dilma, seus opositores, com o apoio da mídia hegemônica a colocam como guerrilheira e subversiva durante a Ditadura Militar.

Uma breve busca na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube resulta em milhares de vídeos que propõem contar “sua verdadeira história”, a “história não contada” ou revelar os “segredos” de seu “passado negro” e apurar os “crimes por ela cometidos”. (NASCI-MENTO, 2022, p.117)

De saída, tal fato já gera um grande impacto na cultura brasileira, pois a ocupação de espaços na política foi e continua a ser marcado por uma realidade de subrepresentação do feminino, pois,

a relação entre mulher e política tem sido tema tabu na sociedade brasileira. O lugar do homem é no comando do mundo político, à mulher, resta o privado, onde muitas vezes os homens também comandam. Invadir o espaço público, político e masculino foi o que fizeram essas mulheres, ao se engajarem em organizações de esquerda, clandestinas, para fazer oposição, juntamente com os homens, ao regime militar. Ousaram participar da política, espaço que marca a diferença e a exclusão. (COLLING, 1997, p.03)

A primeira vez que a participação de Dilma Rousseff na luta contra o regime militar ganha repercussão midiática foi em 2003, quando ela depôs, na condição de Ministra da Casa Civil da Presidência da República, no Governo Lula, em uma comissão do Senado Federal, momento no qual o então senador Agripino Maia, ao fazer menção a seus depoimentos aos militares durante a ditadura militar, teria anos depois admitido que “mentia muito” para sobreviver, e indaga se ela continuaria a mentir para seus pares, ao que respondeu:

O que aconteceu ao longo dos anos 1970 é a impossibilidade de se dizer a verdade em qualquer circunstância porque o direito à livre expressão estava enterrado. Não se dialoga com o pau de arara, o choque elétrico e a morte. (...) Qualquer pessoa que ousar dizer a verdade para interrogadores compromete a vida de seus iguais, entrega pessoas para serem mortas. (...) Diante da tortura, quem tem coragem, dignidade, fala mentira. E isso, senador, faz parte e integra a minha biografia, da qual eu tenho imenso orgulho. (...)<sup>1</sup>

Dilma Rousseff entra cedo na militância política, aos 16 anos ela já fazia parte da POLOP – Organização Revolucionária Marxista Política Operária; depois no Colina – Comando de Libertação Nacional, e, finalmente, na VAR-Palmares – Vanguarda Armada Revolucionária Palmares, todas elas organizações

clandestinas, no Estado de Minas Gerais. Dilma com apenas 22 anos já “era dirigente da VAR-Palmares, organização criada em junho de 1969 pela fusão da VPR de Lamarca com os Comandos de Libertação Nacional (Colina), formado basicamente por intelectuais e universitários mineiros. (VILLAMÉA, 2023, p.56). A fim de estruturar a VAR-Palmares no Estado de São Paulo, parte para a nova missão no ano de 1970, quando finalmente é presa.

No ano de 2011 o jornalista mineiro, Ricardo Batista Amaral escreve a biografia de Dilma Rousseff, baseado em entrevistas concedidas por ela a diferentes jornais, revistas e jornalistas. Uma delas relata sobre a sua prisão, quando é presa na “rua Martins Fontes, na cidade São Paulo, quando três carros da Oban a captura.” (AMARAL, 2011, p.70)

Acrescenta Amaral, “Nos 22 dias seguintes, Dilma Rousseff conheceria o inferno da tortura, aonde se chegava cruzando a cancela do DOI-Codi na rua Tutóia.” (AMARAL, 2011, p.71). A partir de relatos oferecidos por Dilma ao jornalista Luiz Maklouf Carvalho, no ano de 2003, e utilizados por Amaral (2011), pode-se ler o seguinte relato sobre a tortura por ela sofrida sob o comando do capitão Benoni de Arruda Albernaz:

Pergunta: Onde eram os choques  
Dilma: Em tudo quanto é lugar. Nos pés, nas mãos, na parte interna das coxas, nas orelhas. Na cabeça é um

<sup>1</sup> Transcrição do vídeo disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/video/2008/6188/>, acesso em 03 de março de 2023.



horror. No bico do seio. (...)Aí você se urina, você se caga todo (...)

Pergunta: Quanto tempo demorava uma sessão dessas?

Dilma: Nos primeiros dias muito tempo. A gente perde a noção. Você não sabe quanto tempo nem que tempo é. Sabe por quê? Porque para, e quando para não melhora, porque ele fala o seguinte: “Agora você pensar um pouco”. Parava, me retiravam e me jogavam nesse lugar de ladrilho, que era um banheiro no primeiro andar do DOI-Codi. Com sangue, com tudo. Te largam. Depois você treme muito, você tem muito frio. Você está nu, né? É muito frio. Aí voltava. Nesse dia foi muito tempo. Teve uma hora que eu estava em posição fetal. (AMARAL, 2011, p.73)

Após intenso interrogatório no DOPS DOI-Codi Dilma é transferida para o Presídio Tiradentes, para a ala de mulheres também conhecido como a “Torre das Donzelas”.

No livro escrito pela ex-militante política Ana Maria Ramos Estevão e prefaciado por Dilma Rousseff, lançado no ano de 2021, é possível ler um comovente relato de experiências vividas por mulheres muito jovens que uniram-se, sobretudo, umas as outras para suportarem não só a tortura física, mas, sobretudo psicológica sofrida pelo regime e a capacidade pela autora narrada de, com resiliência, alegria e sentimento de companheirismo e luta, sobreviverem ao arbítrio. Escreve Dilma sobre o tempo vivido na Torre das Donzelas:

(...) As lembranças ressaltam e valorizam, em meio à crueldade de uma ditadura que brutalizava suas vítimas, pequenos e grandes gestos de solidariedade e amizade entre militantes muito jovens – tínhamos a maioria, entre 20 e 25 anos – todas dispostas a sonhar com outro país e com coragem de lutar por ele. (ESTEVÃO, 2021, p.16)

É possível, sem dúvida alguma, afirmar que por todo o tempo de aparição pública e enquanto esteve Presidenta do Brasil, Dilma se mostrou reconciliada e envaidecida por seu passado de militante política a lutar pela volta da democracia no Brasil pois ela

soube transformar as adversidades que enfrentou em forças para seguir adiante e reafirmar seus valores. Entretanto, ao mesmo tempo que a sociedade brasileira debateu intensamente a ditadura militar, por ocasião dos seus 50 anos, de modo a construir uma visão de rechaço à violência e ao autoritarismo, grupos vieram a público invocar o retorno do regime militar. (JOFFILY, 2016, p.11)

Em seu primeiro discurso de posse, como palavras finais, disse a Presidenta:

Queria dizer a vocês que eu dediquei toda a minha vida à causa do Brasil: entreguei, como muitos aqui presentes, minha juventude ao sonho de um país justo e democrático, suportei as adversidades mais extremas, infligidas a todos que ousamos enfrentar o arbítrio. Não tenho qualquer arrependimento, tampouco tenho

ressentimento ou rancor. Muitos da minha geração que tomaram pelo caminho não podem compartilhar a alegria desse momento. Divido com eles esta conquista e rendo-lhes minha homenagem. (SCHMIDT, 2011, p.101)

Alguns anos depois, exatamente no dia 17 de abril de 2016, já em seu segundo mandato, o então Deputado Federal Jair Messias Bolsonaro assim votou pela admissibilidade do julgamento de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff:

Pela forma como conduziu os trabalhos da casa, parabéns Presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o Comunismo, pela nossa liberdade, contra o Fórum de São Paulo. **Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff**, pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, para o Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim (Grifos nossos. Transcrição livre. YouTube – acesso em 18/04/2020)

Ao sofrer definitivamente a condenação por “crime de responsabilidade”, cujo resultado foi o seu afastamento definitivo da presidência do Brasil, Dilma proferiu as seguintes palavras no dia 30 de agosto de 2016:

(...) É o segundo golpe de Estado que enfrento na vida. O primeiro, o Golpe Militar, apoiado na truculência das armas, da repressão e da tor-

tura, me atingiu quando eu era uma jovem militante. O segundo, o Golpe Parlamentar, desfechado hoje, por meio de uma farsa jurídica me derubou do cargo para o qual fui eleita pelo povo. (...) <sup>1</sup>

Trazer para o texto, mesmo que brevemente, um pouco da biografia de Dilma Rousseff, creio provocar um sentimento de respeito e admiração pela mulher pública e democrata que foi Dilma. Superação, força e resiliência fazem dela uma estadista que foi “odiada” desde sempre, por ser alguém sensível à dor e misérias alheias e por tomar a mulher como bandeira principal de seus quase dois governos. Os machistas, misóginos e violentos não deixaram, mas ela, ressurgiu das cinzas, mais forte ainda, porque dela “a vida quer é coragem”.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Ricardo Batista. **A vida quer é coragem. A trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil**. Rio de Janeiro, Sextante, 2011.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo, Globo, 1998.

COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro, Record, 1997.

COSTA, Albertina de Oliveira; MORAES,

<sup>1</sup> Transcrição livre da Presidenta Dilma Rousseff. Consultar o vídeo disponível no YouTube, acesso em 20/05/2023: <https://www.youtube.com/watch?v=gKkpe53jaPk>

Maria T. Porciuncula; MARZOLA, Norma; LIMA, Valentina da Rocha. **Memórias das Mulheres do Exílio**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

ESTEVIÃO, Ana Maria Ramos. **Torre das Guerreiras e outras memórias**. São Paulo, Editora 106, Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

JOFFILY, Olivia Rangel. **Esperança Equilibrista. Resistência feminina à ditadura militar no Brasil**. Florianópolis, Editora Insular, 2016.

NASCIMENTO, Juliana Marques do. **Guerrilheiras. Memórias da ditadura e militância feminina**. São Paulo, Alameda, 2022.

SCHMIDT, Benito Bisso. “É da época e deu”: usos do passado nas narrativas sobre a participação de Dilma Rousseff na luta contra a ditadura civil-militar no Brasil. In: Perseu. História, Memória e Política. São Paulo, Perseu Abramo, 2007.

**PROFUNDA ADMIRADORA DE DILMA ROUSSEFF, A AUTORA É PROFESSORA TITULAR DE ANTROPOLOGIA DA UFCG. NASCIDA NO ANO DE 1964, ANO DO GOLPE CIVIL MILITAR NO BRASIL, SE TIVESSE NASCIDO PELO MENOS 15 ANOS ANTES, CERTAMENTE TERIA ENGROSSADO COM DILMA E TANTAS OUTRAS MULHERES, À RESISTÊNCIA E LUTA CONTRA A DITADURA MILITAR. MESMO ASSIM CRESCER EMBA-**



**LADA À MUSICA DE VANDRÉ: “CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO, SOMOS TODOS IGUAIS BRAÇOS DADOS OU NÃO”. VIVA À RESISTÊNCIA, DITADURA NUNCA MAIS!**

**CONHEÇA O E-BOOK:**

